

PROJETO DIÁLOGOS EM COLABORAÇÃO COM O CENTRO DE FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

No dia 22 de Outubro, pelas 17.30, no Anfiteatro Fundação da Faculdade de Ciências, edifício C1, 3º piso, realiza-se a Conferência *Os Filósofos de Cambridge: Moore, Russell e Wittgenstein na Coleção Textos Clássicos da Fundação Calouste Gulbenkian*.



Diálogos

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN
QUALIFICAÇÃO DAS NOVAS GERAÇÕES

Conferência / 22 de Outubro / 17h30 – 19h30
Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

OS FILÓSOFOS DE CAMBRIDGE:
*Moore, Russell e Wittgenstein na Coleção Textos
Clássicos da Fundação Calouste Gulbenkian*

PRINCIPIA ETHICA, de G.E. Moore
O PROBLEMA DO CONHECIMENTO MORAL
Rui Sampaio – Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, Universidade dos Açores

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA MATEMÁTICA, de Bertrand Russell
UMA QUESTÃO DE PORMENOR? A IDENTIDADE ENTRE A MATEMÁTICA E A LÓGICA
Fernando Ferreira – Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa

TRATADO LÓGICO-FILOSÓFICO E INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS, de Ludwig Wittgenstein
A FILOSOFIA DA LINGUAGEM COMO “FILOSOFIA PRIMEIRA”
António Zilhão – Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

Projeto Diálogos em colaboração com o Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa

O Projeto Diálogos, apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, visa promover uma reflexão e debate em torno de questões essenciais que atravessam os tempos e se projetam nos nossos dias, a partir de obras fundamentais da história do pensamento ocidental. Aqui se inscrevem os contributos filosóficos de Moore, Russell e Wittgenstein.

Resumo das comunicações:

PRINCIPIA ETHICA, de G. E. MOORE

O PROBLEMA DO CONHECIMENTO MORAL

Rui Sampaio da Silva

Os Principia Ethica de Moore marcaram profundamente a história recente da ética, em grande parte devido à sua denúncia da falácia naturalista, que consiste, de acordo com uma das suas principais formulações, em definir “bom” com base em propriedades ou objetos naturais, mas que também está presente em definições metafísicas de “bom”. Contra as diferentes formas da falácia naturalista, Moore alega que “bom” é uma propriedade simples, indefinível, não analisável. A falácia naturalista encontra-se nas principais teorias éticas tradicionais, sendo particularmente relevante a crítica de Moore ao hedonismo e ao utilitarismo clássico, o qual deveria ser substituído por um “utilitarismo ideal”. Os Principia Ethica de Moore exerceram uma forte influência no domínio da metaética, constituindo uma referência incontornável no debate sobre a possibilidade do conhecimento moral. Para Moore, existe conhecimento moral, conhecimento sobre o que é bom, fundado em intuições por não ser passível de prova. Todavia, o apelo a intuições constitui uma base frágil para a fundamentação da ética, razão pela qual a posição de Moore pode ser criticada a partir de diferentes perspetivas metaéticas. Por um lado, o seu intuicionismo é rejeitado por filósofos naturalistas; quer por aqueles que negam a possibilidade de conhecimento moral, quer por aqueles que afirmam que é possível fundamentar tal conhecimento em factos ou propriedades naturais. Por outro lado, a reabilitação da noção de percepção moral no domínio da ética das virtudes permite outra defesa do conhecimento moral e do realismo moral que rejeita a dicotomia facto/valor.

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA MATEMÁTICA, de BERTRAND RUSSELL

UMA QUESTÃO DE PORMENOR? A IDENTIDADE ENTRE A MATEMÁTICA E A LÓGICA

Fernando Ferreira

No último capítulo de “Introdução à Filosofia Matemática”, Bertrand Russell diz que a demonstração da identidade entre a matemática e a lógica é, obviamente, uma questão de pormenor. A afirmação é espirituosa mas descomedida. É muito difícil defender a tese de que a matemática e a lógica sejam idênticas (a tese do logicismo). Nesta palestra abordamos o programa logicista original de Gottlob Frege e a séria dificuldade com que se deparou (paradoxo de Russell). De seguida esboçamos a solução russelliana e discutimos as suas (grandes) limitações. Finalizamos com alguns apontamentos modernos.

TRATADO LÓGICO-FILOSÓFICO E INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS, de LUDWIG WITTGENSTEIN

A FILOSOFIA DA LINGUAGEM COMO “FILOSOFIA PRIMEIRA”

António Zilhão

No conto *What the Tortoise Said to Achilles*, Lewis Carroll conta-nos que, após ter triunfantemente ultrapassado a Tartaruga no decurso da corrida a que Zenão se refere no seu célebre paradoxo acerca da impossibilidade do movimento, Aquiles se sentou confortavelmente sobre a sua carapaça. Nestas circunstâncias, a Tartaruga solicitou-lhe que considerasse a seguinte inferência contida na demonstração da primeira proposição dos Elementos de Euclides:

(A) Duas coisas iguais a uma terceira são iguais entre si;

(B) Os dois lados deste triângulo são ambos iguais a um mesmo terceiro comprimento;

Logo, (Z) Os dois lados deste triângulo são iguais um ao outro.

e que supusesse que ela aceitaria (A) e (B) como proposições verdadeiras, mas que não aceitaria sem demonstração como verdadeira a proposição condicional (C): ‘Se (A) e (B) são verdadeiras, então (Z) tem igualmente que ser verdadeira’. Nestas circunstâncias, a Tartaruga propôs a Aquiles que lhe demonstrasse logicamente que (Z) teria que ser verdadeira. Conta o narrador que, seis meses após este dialogo inicial, voltou a passar pelo mesmo lugar e que Aquiles e a Tartaruga ainda lá estavam, envolvidos no desenvolvimento dos passos necessários à efectuação da demonstração em causa.

Assim, a tarefa, aparentemente tão simples, cuja realização a Tartaruga propôs a Aquiles, revelou-se ser, de acordo com as palavras da mesma, como “uma corrida que a maioria das pessoas pensa que termina em dois ou três passos, mas que, na realidade, consiste num número infinito de distâncias, cada uma delas mais longa que a anterior”

Uma das chaves para compreender o pensamento de Wittgenstein reside no modo como ele se propôs responder no Tratado Lógico-Filosófico ao problema identificado por Lewis Carroll.